

HOMENS NO MOVIMENTO FEMINISTA? PROBLEMATIZAÇÕES
A PARTIR DE UMA POSTAGEM DA PÁGINA NÃO ME KHALO NO FACEBOOK

*MEN IN THE FEMINIST MOVEMENT? PROBLEMATIZATIONS
FROM A POST FROM THE NÃO ME KHALO ON FACEBOOK PAGE*

*Roney Polato de Castro*¹
*Ana Carolina Mercês Coura*²
*Raquel Guimarães Lins*³

RESUMO

O artigo tem como objetivo problematizar concepções que circulam em uma página da rede social Facebook acerca do debate feminista contemporâneo. Foi eleita uma postagem entre os conteúdos disponibilizados na página do coletivo Não Me Khalo, a qual se remete a uma pesquisa realizada com mulheres, tendo como um dos temas a participação de homens no movimento feminista. Elegemos seis comentários produzidos por internautas a partir da postagem inicial para analisar a argumentação que envolve os dissensos sobre as categorias centrais do feminismo – mulher e feminino, as quais servem de mote para estabelecer os limites da associação de homens ao movimento, que deveria ser protagonizado apenas por mulheres.

Palavras-chave: Facebook; feminismo; gênero; poder.

ABSTRACT

The article aims to discussion concepts that circulate in a page of the social network Facebook about the contemporary feminist debate. A post was chosen among the contents available on the page of the collective Não Me Khalo, which refers to a survey conducted with women, having as one of the themes the participation of men in the feminist movement. We choose six comments produced by Internet users from the initial post to analyze the argumentation that involves the disagreements over the central categories of feminism - woman and feminine, which serve as a motto to establish the limits of the association of men with the movement, which should be protagonized only by women.

Keywords: Facebook; feminism; gender; power.

¹ Graduado em Ciências Biológicas e Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Líder do GESED (grupo de estudos e pesquisas em gênero, sexualidade, educação e diversidade). E-mail: roneypolato@gmail.com.

² Graduada em Ciências Biológicas e Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Membro do GESED (grupo de estudos e pesquisas em gênero, sexualidade, educação e diversidade). E-mail: ana.merces@hotmail.com.

³ Graduada em Educação Física e Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - campus Congonhas. Membro do GESED (grupo de estudos e pesquisas em gênero, sexualidade, educação e diversidade). E-mail: raquelglins@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende dialogar com a produtividade que se expressa nas movimentações *on line* para pensar questões contemporâneas. Mais especificamente, tomamos uma página da rede social *Facebook* para problematizar investimentos discursivos que vêm organizando debates no âmbito dos feminismos contemporâneos. Nosso foco recai sobre a página feminista *Não me Khalo*⁴, que surgiu em julho de 2014 e atualmente tem 1.224.632 seguidoras/es⁵. A página se expandiu para outras redes, como *Instagram*, *Twitter*, *Tumblr* e *Youtube*, além do lançamento de um livro a partir da campanha *#MeuAmigoSecreto*: feminismo além das redes.

Neste artigo não tomaremos todas as produções da página. Nosso objetivo é problematizar uma postagem e comentários escritos na página sobre uma pesquisa realizada no ato de oito de março de 2017 no Rio de Janeiro, data em que se comemora o Dia Internacional de Luta das Mulheres. Na ocasião foram entrevistadas 153 mulheres que participaram da marcha, que reuniu 15 mil pessoas. A faixa etária das entrevistadas na pesquisa está entre 15 e 34 anos (61,5%), sendo que 65,4% têm ou está cursando ensino superior; 50,9% têm renda de até cinco salários mínimos; 80,4% participam de manifestações de rua e 64,7% de palestras e rodas de conversa feministas; 85,5% se identificam politicamente com a esquerda. Das entrevistadas, 67,3% são solteiras e 66% se identificam como heterossexuais (66%). Brancas e negras tiveram uma participação equivalente na manifestação. As negras somaram 43,1% (24,8% se disseram pretas e 18,3% se disseram pardas), pouco menos do que as 44,4% que se disseram brancas (ASSIS, 2017)⁶.

Entre as causas mais citadas como principais reivindicações no âmbito das lutas feministas estão o combate ao feminicídio, à violência contra as mulheres e/ou violência

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/NaoKahlo/posts/860668834106784>. Acesso em: nov. 2017.

⁵ Dados da página em fevereiro de 2018.

⁶ Dados que compõem o perfil das entrevistadas e outras informações estão disponíveis em: <http://www.generonumero.media/o-que-pensam-as-feministas-sobre-a-participacao-dos-homens-no-movimento/>. Acesso em: fev. 2018.

doméstica (34%), a equiparação salarial e de oportunidades entre mulheres e homens e a igualdade de gênero no trabalho (28,1%) e a descriminalização do aborto e a defesa dos direitos reprodutivos das mulheres (26,8%) (ASSIS, 2017).

Os dados apresentados pela pesquisa e divulgados na página do coletivo *Não me Khalo* expressam uma multiplicidade constitutiva dos movimentos feministas contemporâneos. Esses encampam lutas coletivas em torno de temas que afetam as mulheres, ao mesmo tempo em que se abrem para as diversidades que compõem essas lutas, constituindo mobilizações capilarizadas e descentralizadas. “Assim, contrariamente às evocações do desaparecimento do movimento feminista, é possível identificar sua presença ativa na sociedade brasileira” (GOMES e SORJ, 2014, p. 435). Essa presença “é marcada por uma gama muito variada de identidades políticas, diferentes graus de institucionalização e diversos modos de expressão” (*idem*). Destacamos, por exemplo, as pautas interseccionais, os debates sobre as relações entre racismo e machismo, a cultura do estupro e as reivindicações das mulheres trans⁷, lésbicas e bissexuais.

Para o presente artigo, nos deteremos sobre um dos dados produzidos no âmbito da pesquisa compartilhada pela página *Não me Khalo*: o que pensam as feministas acerca da participação de homens no movimento? Assim, tomaremos os comentários de seguidoras da página acerca desse aspecto para problematizar discursos e saberes acionados pela postagem. O termo problematizar está intimamente relacionado à perspectiva teórica que adotamos no trabalho: os estudos pós-estruturalistas e a perspectiva foucaultiana, a partir das quais podemos tomar as produções de gênero e sexualidade como objetos de pensamento vinculados a produção histórica de regimes de verdade. Tais perspectivas nos conduzem a pensar gênero e sexualidade como construções sociais, culturais e históricas formadas nas e por práticas discursivas, relacionadas à nossa formação como sujeitos históricos imersos em culturas nos quais nos constituímos.

Organizamos este texto em quatro sessões, entrelaçando discussões que a postagem da pesquisa no *Facebook* podem suscitar acerca do ciberfeminismo, da militância, das interações

⁷ Ao utilizar essa expressão estamos nos referindo às identificações de mulheres como transexuais, travestis e transgêneras.

nas redes sociais, dos discursos e saberes que são acionados nos comentários para pensar a participação dos homens no movimento feminista, tensionando categorias aparentemente naturalizadas, como *mulher* e *feminino*.

1. PENSANDO CIBERFEMINISMO A PARTIR DA PÁGINA *NÃO ME KHALO*

Com o advento da internet e das redes sociais, a partir da contemporaneidade, se estabelece um novo ambiente interativo, colaborativo e descentralizado que acarreta componentes inéditos e criativos nas dinâmicas dos movimentos políticos/sociais, fomentando, assim, o surgimento de novos processos organizativos de mobilização e de novas práticas dentro deste espaço social dos/as usuários/as (CHAMPANGNATTE e CAVALCANTI, 2015; RECUERO, 2014). Assim, as redes sociais e as tecnologias da informação proporcionam um lócus para novas formas de representação da mulher, de reflexões e de expansão de novas releituras do feminismo (OLIVEIRA e SILVA, 2016).

O termo ciberfeminismo surgiu a partir do início da era dos computadores e foi mencionado pela primeira vez no ano de 1991, pelo grupo australiano composto por mulheres, VNS Matrix, que se autoproclamaram *ciberfeministas* a partir do Manifesto Ciberfeminista (1991). De acordo com Ana Flora Schindwein (2012), o ciberfeminismo tem como referencial teórico as questões de natureza pós-estruturalistas e pós-modernas, uma vez que vai além de um contexto de dicotomia entre mundos e binarismo de gênero; apresenta as diferenças entre as mulheres a partir da sexualidade, raça, etnia e de classe. Sendo assim, além de denunciar a importância da ação política feminista para enfrentar a exclusão digital e a invisibilidade das mulheres, enfatiza a multiplicidade e a performatividade do gênero também em relação às tecnologias (BOSCH, s/d).

O ciberfeminismo se estabelece a partir das dimensões alcançadas pelas tecnologias da informação e, em consequência, pelas redes sociais, a partir de práticas feministas compartilhadas na internet, em um movimento que denuncia e tenta construir novas formas de gênero e da mulher na sociedade. Por meio do ciberfeminismo, é possível identificar novos tipos de práticas e teorias feministas que consideram as novas e complexas condições sociais criadas pelas tecnologias da informação (SCHLINDWEIN, 2012).

Entre os objetivos dos movimentos ciberfeministas estão o de se estabelecer como uma rede de comunicação entre as mulheres, no qual as manifestações contemplam relatos de experiências e de ideias entre mulheres que buscam espaços, apoios e tentam desfazer e reconstruir emaranhados de laços e padrões heteronormativos, misturando-se entre a esfera pública e privada das informações, das trocas, das exposições, das lutas e dos discursos de identidades de gênero.

Nas redes sociais a comunicação e interação se dão por meio das ferramentas de comunicação mediadas pelo computador, entre os sujeitos envolvidos, a partir das quais se estabelecem trocas sociais, promovem debates, criam laços e identidades. Uma rede social pode ser composta por pessoas, instituições ou grupos e suas interações ou laços sociais. Nesse sentido, é possível perceber na rede dinâmicas sociais, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos sujeitos (RECUERO, 2014).

Os espaços no ciberfeminismo proporcionam que as expressões midiáticas sejam melhor exploradas e questionadas pelas feministas e por outros indivíduos que participam ou têm acesso a estes ciberespaços e participam de novas formas de comunicação e interação, como nas redes sociais, tais como no caso das páginas do *Facebook*. A seguir, tomaremos alguns comentários na página do *Facebook* do coletivo *Não Me Khalo* para pensar de que modos esses espaços vem fomentando o debate de categorias centrais para o feminismo.

2. A POSTAGEM: A PRODUTIVIDADE DO DEBATE SOBRE A PARTICIPAÇÃO DOS HOMENS NO MOVIMENTO FEMINISTA E A QUESTÃO DAS RELAÇÕES DE PODER

As diferentes vertentes do movimento feminista respondem diferentemente à questão da participação dos homens no movimento, passando antes pelas concepções de sexo, gênero, masculinidades, feminilidades, sexualidades, entre outras, para responder a questão. Nesse sentido, se faz importante enfatizar que o movimento feminista contemporâneo possui múltiplas facetas e se organiza de uma forma bastante plural, ainda mais considerando a atuação do ciberfeminismo na construção do movimento na era da Web 2.0 (SOUZA, 2015).

O feminismo brasileiro, e também o mundial, de fato mudou, e não mudou somente em relação àquele movimento sufragista, emancipacionista do século XIX, mudou também em relação aos anos 1960, 1970, até mesmo 1980 e 1990. Na verdade, vem mudando cotidianamente, a cada enfrentamento, a cada conquista, a cada nova demanda, em uma dinâmica impossível de ser acompanhada por quem não vivencia suas entranhas. (COSTA, 2005, p.1)

Às mulheres que participaram da marcha do dia oito de março foi questionado se “os homens devem participar das lutas feministas”, situação em que as entrevistadas respondiam em uma escala de “concordo” a “discordo” e “não sabe/não respondeu”. A reportagem do blog *Gênero e Número* utilizou os dados retirados da pesquisa original, e trouxe algumas conclusões apontadas pela mesma.

O blog traz como imagem de capa da reportagem uma fotografia produzida durante as manifestações do dia internacional da mulher. Na imagem em preto e branco, vemos centralizado o rosto de uma mulher manifestante, e ao fundo de forma desfocada, o restante das pessoas da marcha, a princípio mulheres, segurando bandeiras e tambores.



Figura 1 – Postagem sobre a pesquisa na página

A divulgação no *Facebook* parece estar endereçada às leitoras que se identificam com a página (curtem, acompanham), seja pela centralidade da mulher mostrada na imagem, seja pela chamada para a leitura da matéria. A chamada destaca que os temas tratados na pesquisa são pautados no movimento feminista, ou seja, a participação dos homens no movimento é anunciada como um tema a ser debatido. Nesse caso, o anúncio é de que parece existir uma demanda da participação dos homens no movimento e a uma demanda para a discussão sobre como isso se daria. A partir da postagem, vamos nos concentrar nos comentários realizados pelos/as internautas. Todos os comentários foram selecionados considerando o critério “comentários mais relevantes (sem filtro)”.

Aparentemente a postagem parece ter tido pouco alcance na rede, pois foi compartilhada 25 vezes e curtida 224 vezes (até 22 de novembro de 2017), como podemos ver na Figura 1. O nosso foco, no entanto, é nos acionamentos que os comentários podem ter trazido e nas possibilidades do que podemos pensar a partir desses comentários. As curtidas e as reações aos comentários podem trazer outras possibilidades de comunicação, através do apoio ou da rejeição de determinada publicação ou comentário pelos/as internautas.

O *Facebook* permite uma dinâmica específica nos comentários, que é a de publicar uma resposta à postagem, e também responder comentários de outras pessoas, criando assim, “conversas” dentro da publicação. Pudemos então separar os comentários em algumas “categorias”: comentários feitos marcando outras pessoas, ou seja, colocando os nomes de outros/as internautas para que os/as mesmos/as pudessem ser avisados/as da publicação postada na página; comentários feitos sobre assuntos paralelos ao tema da postagem; e comentários discutindo sobre a reportagem e/ou o assunto central, da participação de homens no movimento feminista.

O primeiro comentário realizado foi de uma internauta em relação ao número de entrevistadas: “*acho muito pequeno estatisticamente 153 entrevistadas, num universo de quinze mil participantes*”⁸. Outra internauta, concordando com a primeira, ainda responde:

⁸ Iremos nos referir, ao longo do texto, às falas retiradas da postagem entre aspas e em itálico, para melhor identificá-las, quando não trazidas em *prints* retirados da postagem original.

“(...) *dados estatísticos são sempre fundamentais para melhorar o mundo*”. Nessa conversa é possível perceber que as mulheres leram a reportagem e resolveram pontuar a problemática da estatística, considerando o número de mulheres entrevistadas em relação ao total de participantes na marcha. Tal questão nos remete ao apontamento de Marisa Costa (2007), sobre a necessidade de se definir a credencial da legitimidade a partir do estatuto de um tipo hegemônico de ciência, pautada por uma validade, prestígio, importância e credibilidade, incluindo a ideia de representação/número significativo, principalmente em se tratando de mulheres. Judith Butler (2017) corrobora com essa questão de validade da representação da mulher, destacando que “a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (p. 18).

Assim, analisamos que a postagem possibilitou a produção de sentidos sobre a pesquisa e um entrelaçamento entre os temas nela abordados e as leituras da página, instigando a comentar e a discutir. Isso nos faz pensar na dinâmica das redes, através da potência que a produção e os compartilhamentos de conteúdo geram. As transformações nas redes sociais são largamente influenciadas pelas interações entre os sujeitos, sendo que os compartilhamentos permitem dar visibilidade para a conversação ou para a mensagem, favorecendo ainda a ampliação do alcance da mesma (RECUERO, 2014). Em se tratando dos movimentos feministas, tal potencialidade das redes se torna uma estratégia política importante, ampliando o debate e fazendo pensar um contingente maior de pessoas, que podem conhecer e incorporar elementos das perspectivas e lutas feministas.

Os próximos comentários que traremos no artigo foram realizados por uma mesma internauta, abordando o tema central da participação de homens no movimento feminista, pensado por vários pontos de vista. São comentários extensos, não muito comuns em uma rede que veicula principalmente a rapidez e a agilidade nas interações comunicativas.

Em suas primeiras falas, a internauta começa lançando questionamentos sobre a presença de homens no movimento feminista e apresentando alguns tensionamentos entre as categorias de gênero homem e mulher. Logo de início existe uma veiculação possível da autora com o movimento feminista e suas vertentes, ao dirigir parte do seu texto à “*amiga feminista liberal*”. Também no início do comentário, a autora coloca a presença de

“*feministas não-liberais (marxistas, interseccionais, radicais, etc.)*” que quando confrontam homens, estes as respondem através de xingamentos, usando termos misóginos ou machistas.

Ana Costa (2005) afirma que o feminismo brasileiro e mundial vem mudando cotidianamente, em uma dinâmica difícil de ser acompanhada, ainda mais se for considerar uma linearidade histórica. Martha Narvaz e Sílvia Koller (2006) fazem um trabalho de revisão situando o conceito de feminismo enquanto movimento histórico, político e filosófico-epistemológico, retomando as principais características e problematizações das gerações do movimento feminista, conhecidas popularmente como as ondas do movimento.

Pode ser relevante problematizar a visão do movimento feminista visto como acontecido em três gerações ou ondas, pois essa narrativa universaliza as experiências e as lutas distintas das mulheres inseridas nos mais diversos contextos, especialmente mulheres do Sul (não-europeias e não-norte-americanas), negras e lésbicas, entre outras, universalizando assim a experiência de “mulher” e desqualificando e desconsiderando a pluralidade e diversidade dessa experiência. As três gerações/ondas do feminismo sempre coexistiram, e ainda coexistem na contemporaneidade, de modo que não podem ser entendidas em uma perspectiva histórica linear e sequencial (NARVAZ; KOLLER, 2006; GOMES e SORJ, 2014).

Voltando ao comentário da publicação, a internauta traz concepções marcadas do que é ser homem e ser mulher, e é a partir dessas definições de gênero que para ela, se torna possível responder o lugar de homens no feminismo.

Em questões de gênero, homens têm toda a sociedade patriarcal a favor deles. Da voz deles. Dos direitos deles. Dos privilégios de gênero para eles. Homens são por homens. Leis são, em massa, feitas por homens para homens. Para defender homens, para beneficiá-los, para legitimar o poder social deles sobre as mulheres. Homens têm toda uma estrutura social que os empoderam como sujeitos de si mesmos, enquanto as mulheres são ponderadas, são preteridas, são "o outro". Mulheres são deixadas à margem, são silenciadas, são subjugadas, têm suas experiências de mundo deslegitimadas pelo androcentrismo - visão de mundo masculina. MACHO JÁ TEM MUITA VOZ, socialmente legitimada e institucionalizada, ele não precisa de participação dentro do movimento feminista, a participação dele É FORA, é na sociedade, é nos espaços que ele já lidera culturalmente.

Figura 2 – Postagem de comentário a partir da pesquisa divulgada

Podemos perceber alguns atravessamentos de gênero. Ela diz: “*Homens têm toda uma estrutura social que os empoderam como sujeitos de si mesmos, enquanto mulheres são ponderadas, preteridas, são ‘o outro’*”, e “*Mulheres são deixadas à margem, são silenciadas, são subjugadas, têm sua experiência de mundo deslegitimadas pelo androcentrismo - visão de mundo masculina*”. Para a internauta, as diferenças de gênero entre homem e mulher são marcadamente hierárquicas, centralizando homens e marginalizando mulheres, em uma estrutura social androcêntrica. Com base nessa compreensão do conceito de gênero, a internauta conclui que a participação de homens no movimento feminista é fora, nos espaços sociais onde já existe a liderança masculina, como apoiadores do movimento.

194

A postagem evoca uma concepção de poder unilateral, em que homens detêm o poder e mulheres permanecem às margens dele, o que remete a visão cristalizada de homem dominante *versus* mulher dominada, como se fosse uma fórmula única, fixa e permanente (LOURO, 2007). Tomando uma perspectiva foucaultiana de análise, problematizamos que o poder é uma ação, um exercício, que existe nas relações de forças. Nesse sentido, o poder não estaria nas mãos de um sujeito, de uma instituição ou do Estado, mas na multiplicidade de correlações de forças. Foucault (2006) insere a análise do exercício do poder nas relações humanas, “relação em que cada um procura dirigir a conduta do outro” (p. 276). São, portanto, relações móveis, reversíveis, instáveis, que não são dadas de uma vez por todas e que se encontram em diferentes níveis e sob diferentes formas. Outro aspecto evidenciado por

Foucault (2006) é que nas relações de poder há necessariamente possibilidade de resistência, ou seja, “só é possível haver relações de poder quando os sujeitos forem livres” (*idem*).

Ampliando a argumentação que a internauta propõe, podemos pensar, como propõe a perspectiva foucaultiana, em redes de poder sempre tensas e em atividade, nas quais “homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há, constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças” (LOURO, 2007, p. 38). Desse modo, desloca-se o olhar para as múltiplas formas de resistências femininas tramadas nas relações sociais cotidianas e para as perdas e custos dos homens no exercício de masculinidades forjadas na ideia de superioridade. A internauta enfatiza em sua postagem um dos aspectos das relações desiguais e naturalizadas de poder, na quais as mulheres e homens que não expressam performances normatizadas de masculinidade sofrem “manobras de poder que os constituem como *o outro*, geralmente subordinado ou submetido”, como discute Guacira Louro (2007, p. 38). Porém, como é possível observar pela postagem, pelos modos como as lutas e reivindicações feministas vão se infiltrando nas microrrelações cotidianas e perturbando normas sociais historicamente instituídas, tais manobras de poder não anulam os sujeitos, já que se trata do exercício de forças, de resistências às assimetrias consolidadas.

A postagem também apresenta um vocabulário que analisamos como vinculado às construções feministas. Primeiramente, a noção de androcentrismo enquanto perspectiva sociocultural e histórica de mundo centrada numa ótica masculina, orientando as relações sociais. Esse é um conceito importante para os movimentos e lutas feministas (HIRATA, 2009). É a partir da perspectiva androcêntrica que a internauta situa seu argumento de que a estrutura social empodera os homens como “sujeitos de si mesmos”, enquanto as mulheres são consideradas “o outro”. Empoderamento é outra noção que aparece na postagem em questão e que articula demandas do movimento feminista. Segundo Vanessa Souza (2015), o conceito de empoderar vai além da concepção tradicional de poder e adquire novos sentidos, relacionados à capacidade de articular aspirações e estratégias de mudança, e à capacidade de realizá-las, principalmente no que tange ao contexto econômico e financeiro. Empoderamento, no sentido de empoderamento feminino, também remete à “capacidade das

mulheres de terem controle sobre suas próprias vidas, inclusive seus corpos” (NARVAZ e KOLLER, 2006, p. 651), e se refere ao resgate de competências a fim de ajudar mulheres a esboçarem estratégias de resistência diante das discriminações e violências sofridas (*idem*).

Do ponto de vista das teorizações pós-estruturalistas inspiradas em Michel Foucault, a noção de empoderamento adquire outras nuances, como analisado acima, a partir da concepção de poder descentrado, não localizado em um sujeito ou instituição, mas exercendo-se em diferentes níveis e sob diferentes formas, como relações móveis, em que se age sobre as condutas dos outros. Ou seja, a noção de empoderamento é modificada quando pensada a partir de outro conceito de poder, que rompe com a concepção do termo como força negativa e opressora nas relações de dominação, e traz uma concepção positiva, produtiva, transformadora. É importante dizer que esta é uma positividade que “não faz referência a julgamentos de valor, do certo e do errado, mas sim à capacidade que as relações de poder têm de construir novos discursos e de produzir novas subjetividades” (CARVALHO e GASTALDO, 2008, p. 2034).

Indo para as respostas que outras participantes da página fizeram ao primeiro comentário, percebemos modos distintos de responder à questão principal da postagem e da reportagem divulgada. O comentário anterior afirmava que a presença de homens no movimento feminista se daria a partir de uma sociedade patriarcal, que confere a esses sujeitos lugares de privilégios, ou seja, retiraria das mulheres o protagonismo desse movimento. Em relação a esse comentário, outras duas mulheres responderam, demonstrando ao mesmo tempo a produtividade do debate e o fato de não haver consenso no que se refere a ele:

Sou hetero, casada, feliz ao lado de um homem e estou grávida no momento. E concordo com tudo que a disse. Essa necessidade de aceitação compulsiva que temos dos homens acaba sendo muito prejudicial pra reconhecermos uma série de coisas. O que eu percebo (até por já ter sido assim) é que muitas mulheres não estão prontas para pagarem o preço de se libertar dessa necessidade de sermos "bem vistas" sob a ótica masculina, pq qdo vc começa a questionar certas coisas, a se posicionar de forma a levar mais em consideração a sua necessidades e não a dos caras, vc começa a ser vista como uma mulher difícil que "assusta" os caras. O medo da solidão bate forte nessa horas, e então acabamos dando um passo atrás. Essa independência afetiva em relação aos homens, mesmo q vc seja hetero, é fundamental é algo muito difícil de se conseguir. Mas vale a pena, liberta e de brinde afugenta os caras que não valeria a pena se envolver mesmo.

Figura 3 – Postagem de comentário a partir da pesquisa divulgada

sou igualmente casada, estou tentando engravidar e na fila de adoção, e feliz com a minha escolha de parceiro, e não concordo com esse feminismo que ela abraça, a maioria dos homens tá longe do ideal, mas temos homens que sacam mais de feminismo que muita mina por aí, e quero ouvir boas ideias de pessoas, independente de seu gênero, já vi homens perder amigos por causa do feminismo, enquanto as mulheres ao seu redor não estavam nem aí pra causa

Figura 4 – Postagem de comentário a partir da pesquisa divulgada

Percebemos nessas duas postagens uma presença muito forte de relatos da própria experiência sobre o *ser mulher* que passam pela heterossexualidade, pelo matrimônio e pela maternidade: “*sou hetero, casada, feliz ao lado de um homem e grávida no momento*”; “*sou igualmente casada, estou tentando engravidar e na fila de adoção e feliz com a minha escolha de parceiro*”. Ambas as mulheres se utilizaram dessas categorias para reagir ao comentário anterior, ou seja, suas experiências no âmbito da sexualidade e da maternidade foram marcadas como elementos importantes para a sua argumentação. Nesse sentido, a partir da discordância entre os comentários, a relação das mulheres com seus parceiros poderia ser considerado um aspecto que não definiria, necessariamente, suas opiniões acerca da presença de homens no movimento feminista. A primeira vale-se especialmente das suas experiências

amorosas e sexuais, destacando a relevância da “independência afetiva” das mulheres em relação aos homens. Tal argumento nos remete aos processos de subjetivação que formam mulheres para o assujeitamento nas relações com os homens, tendo o amor romântico como elemento central de subjugação, forjando relações de submissão disfarçadas de amor, ciúme ou preocupação. Historicamente, como aponta Ana Sofia Neves (2007), os ideais do amor romântico têm afetado diferentemente homens e mulheres, sendo a “ideologia do romance” majoritariamente dirigida às mulheres, como forma de tecer relações de dominação masculina.

A questão do amor romântico tem encabeçado a agenda feminista, sendo a sua ideologia apontada como responsável por levar as mulheres a acreditar que a felicidade humana dependeria da sua entrega total e incondicional aos seus parceiros, originando, em muitas situações, histórias de violência, de discriminação e de desigualdade. Os discursos feministas geralmente apresentam o amor como estando ligado ao romance e ao casamento, sendo esses factores chave para a sujeição das mulheres aos seus parceiros. (NEVES, 2007, p. 617).

Assim, na Figura 3, podemos ver que há uma preocupação central da internauta com um contexto de independência das mulheres em relação aos homens, algo que orienta sua construção argumentativa, de tal modo que ela não vê com bons olhos a participação de homens no movimento feminista, pois isso poderia indicar a manutenção da dominação masculina e dos desequilíbrios de poder entre homens e mulheres. Como apontou Neves (2007), tal preocupação vem afetando os movimentos feministas e ainda hoje se constitui como algo a ser analisado quando se trata da intimidade como lugar de perpetração de relações violentas e sustentação de desigualdades, com efeitos nefastos para as mulheres.

A segunda participante (Figura 4) tece seu ponto de vista sob a ótica de que há determinados saberes em jogo na construção do movimento feminista, algo que envolve mulheres e homens. Ao afirmar que “... *temos homens que sacam mais de feminismo que muita mina por aí*” e que “... *já vi homens perder amigos por causa do feminismo, enquanto as mulheres ao seu redor não estavam nem aí pra causa*” a internauta traça um deslocamento na associação naturalizada entre experiências femininas e concepções críticas acerca dos lugares sociais impostos às mulheres numa cultura androcêntrica. Para além disso, o argumento pode vir a se situar no plano de desconstrução da lógica identitária que opera na

organização dos movimentos sociais, indicando que ela pode funcionar como modo de aprisionamento do sujeito em experiências generalizantes e essencializadas.

Como argumenta Lucila Scavone (2006), o feminismo veio se caracterizando como movimento específico e identitário, na mesma linha de outros como o movimento negro, buscando “garantir o estabelecimento de uma mesma identidade em relação aos problemas e ao objetivo comum a todas, isto é, lutar contra a opressão das mulheres de todas as classes sociais” (p. 84). Tais movimentos têm como objetivo “fortalecer o espaço político das mulheres, construindo-lhes uma nova identidade e redefinindo-lhes seu lugar na sociedade” (*idem*, p. 85). Scavone (2006) problematiza essa perspectiva, valendo-se do pensamento foucaultiano, para pensar que os movimentos fundamentados na identidade correm risco de criarem outros assujeitamentos, embora se organizem contra diferentes formas de exercício do poder. Apostando no argumento de que as relações dos sujeitos consigo mesmos deveria ser de diferenciação e não de identidade, Foucault propõe nos afirmarmos enquanto força criativa. Nesse sentido, Margareth Rago (2006), inspirada em Elisabeth Grosz, propõe que o feminismo não apenas liberte as mulheres, mas, fundamentalmente, *liberte as mulheres da Mulher*. Assim, as postagens expressas nas Figuras 3 e 4 nos levam a pensar sobre os limites em compreender a categoria mulher como uma universalidade, conforme aponta Alice Canuto (2016):

Ao mesmo tempo em que as teorizações feministas sobre a categoria “mulher” promoveram uma fundamental transformação teórica, política, cultural, social e discursiva “sobre” e “para” as mulheres, elas também se lançaram no risco de falar “em nome” das mulheres reproduzindo algumas naturalizações sobre quem seria esse sujeito “mulher” (CANUTO, 2016, p. 30).

Percebemos que no interesse de se discutir sobre a participação de homens no movimento feminista, a partir de uma postagem no *Facebook*, as contradições que formam modos de pensar e agir feministas se expressam. A complexidade da categoria “mulher” pode ser encontrada quando percebemos que as próprias internautas que discutem a questão evocam elementos relacionados a essa categoria, mas fornecendo a estes diferentes significações. As experiências que ambas possuem enquanto mulheres, heterossexuais, casadas, desejando ou já vivenciando a maternidade, vão em distintas direções, no sentido de

como respondem à questão central discutida na postagem. Longe de representar um possível enfraquecimento do movimento, das posições divergentes apontam para os limites das políticas de representação, que assumiriam a tarefa de definir o que é tido como verdadeiro sobre a categoria mulher. Embora fosse necessário e importante, para “promover a visibilidade política das mulheres”, o sujeito mulher vem sendo compreendido em termos menos estáveis e permanentes, como propõe Judith Butler (2017): “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das ‘mulheres’, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais busca-se emancipação” (p. 19). Além disso, propor pensar a categoria *mulher* como identidade comum e estável pode limitar uma análise de gênero em suas intersecções “com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas” (p. 20).

3. A PRESENÇA DE HOMENS NO DEBATE: NO DISSENSO, OUTRAS POSSIBILIDADES DE PENSAR OS MOVIMENTOS FEMINISTAS

Páginas no *Facebook* apresentam-se como possibilidade de ampla participação nas discussões, embora haja mecanismos de restrição e exclusão de sujeitos desses espaços. Sendo assim, a postagem na página *Não Me Khalo* teve também a produção de comentários por homens, os quais expressaram-se em dissenso ao falar da sua participação no movimento feminista. No primeiro comentário (Figura 5), um internauta responde à mulher que comentou a postagem (Figura 2), expressando concordância ao fato do “*lugar de homens no movimento feminista ser do lado de fora*”:

é a mulher perfeita, primeiramente a mais racional, pra que por homem pra gastar o tempo sobre um assunto que é picuinha feminina? Melhor usar o tempo num futebol com umas cervas geladas, deixar que elas se resolvam entre elas. E principalmente que nenhuma feminista vá querer mudar a mente de garotos jovens com esses assuntos, limitem-se a meninas apenas.

Figura 5 – Postagem de comentário a partir da pesquisa divulgada

A produção de conteúdo no *Facebook* nos remete a um processo dinâmico, em que o confronto de ideias adquire contornos possivelmente não previstos, no sentido de que há um endereçamento que pode parecer claro para as mulheres responsáveis pela página, mas que, após publicada a postagem, pode *errar o alvo*. Pensamos isso no sentido de que o comentário do homem (Figura 5) utiliza-se do sarcasmo para reafirmar noções cristalizadas de experiências masculinas e femininas, evocando uma essência dessas categorias. Ou seja, para ele é bom mesmo que homens não se envolvam, já que se trata de uma “*picuinha feminina*”. Tal noção nos conduz a problematizar o movimento feminista como produtor de saberes e instituidor de sentidos sobre a organização social, a cultura e as subjetividades, considerando que esses saberes afetam, de distintos modos, os sujeitos.

O fato de ver as proposições feministas como uma “*picuinha*” pode ser indicativo de como esses saberes circulam na cultura, podendo indicar, em alguns momentos, que se trata de algo dirigido apenas às mulheres. Porém, é possível pensar que não existe um modo de controle dessa circulação, especialmente quando se considera o alcance e a abertura produzida pelas redes sociais, como o *Facebook*. O incômodo causado pela possibilidade de homens participarem do movimento feminista, como discutido no tópico anterior, também pode se expressar nos homens, no sentido de que ver-se implicado com as proposições feministas afeta e desconstrói, de algum modo, significados culturais hegemônicos de masculinidades e feminilidades.

Problematizando a noção de que o feminismo é uma “*picuinha feminina*”, composto de assuntos que devem ser tratados somente por mulheres, dialogamos com Joan Scott (1999), quando esta alerta para os limites da categoria experiência como noção de referencialidade, ou seja, a experiência do sujeito feminino sobre *ser mulher* seria mais verdadeira, uma evidência incontestável, porque é vista ou sentida como experiência direta do sujeito. Tomar a experiência como evidência incontestável de um sujeito *mulher* pode ter um efeito homogeneizador e universalizador, como se todas as mulheres vivessem os acontecimentos do mesmo modo, naturalizando-os como próprios delas, tornado-se uma evidência do fato da diferença, “ao invés de uma maneira de explorar como se estabelece a diferença, como ela opera, como e de que forma ela constitui sujeitos que vêm e agem no mundo” (SCOTT,

1999, p. 26). Ou seja, a historiadora problematiza que a validade da experiência não é autoevidente ou previamente definida, mas contestável, portanto, sempre política.

Novamente o contraditório que passa pelas concepções sobre gênero e suas relações com um movimento social que luta pela igualdade de direitos *entre* os gêneros (CANUTO, 2016). Quer dizer, de duas pessoas que concordam que o lugar de homens no movimento feminista “*é fora dele*”, uma delas é uma mulher feminista, que em sua fala apresenta argumentos justificando a presença de homens fora do movimento, porém participando “*na sociedade*”, “*nos espaços que ele já lidera culturalmente*”, “*como apoiador do movimento*”; a outra fala é de um homem que desqualifica o feminismo, mantendo uma noção hierárquica e normativa de gênero. Outros homens também apresentaram visões distintas sobre o tema, muitas vezes também trazendo experiências vividas para auxiliar na elaboração dos argumentos. Um internauta responde ao primeiro comentário dizendo que concorda “*com quase tudo*”, e apresenta algumas hipóteses que, em sua opinião, explicam o fato de homens se autoproclamarem “feministas”: a primeira é que não compreendem a diferença entre ser “feminista” e ser “pró-feminista”; a segunda é que ser um homem feminista pode ser uma forma mais fácil de tornar-se “*atraente*” para mulheres feministas; e a terceira é que, independente de nomenclatura, alguns homens têm o interesse de colaborar com a causa do movimento. O autor da postagem se coloca nesta terceira categoria de homens:

eu concordo com quase tudo que vc diz. Tendo a pensar que a maioria dos homens quer se dizer "feminista" ou por não compreender a diferença entre ser pro feminista e ser feminista ou em segunda hipótese pq a forma mais fácil de ser "atraente" pra mulheres feministas é se intitular como sendo. Sim, tenho conhecidos que deixam bem claro essa linha de pensamento. Mas tb existem aqueles que nesse grupo me identifico, que surgem com uma terceira visão sobre o assunto, de que independente da nomenclatura, seja pro feminista ou feminista (sinceramente pra mim não faz diferença como me chamarem), tem o interesse em colaborar com a causa não somente porque luta por um mundo mais justo mas principalmente pq entende que machismo não faz mal apenas as mulheres (obviamente em grau bem superior faz a elas). Por exemplo, desde criança já era taxado como homossexual por não aderir ao que era tido como do âmbito homem hetero. Isso me causava certo sofrimento e principalmente dificuldade em criar laços sociais visto que na medida que as diferenças nesse sentido surgiam as pessoas se afastavam. Em suma, compactuo com a luta das mulheres pois sei que advindo disso tenho certeza que adiante teremos uma sociedade muito melhor que a atual.

Figura 6 – Postagem de comentário a partir da pesquisa divulgada

A ideia de que o feminismo é importante também para homens, porque o machismo “*não faz mal apenas às mulheres*”, passa, primeiramente, pelo argumento de que os gêneros se constroem em uma perspectiva relacional. Isso significa que os sistemas simbólicos e de poder que constroem as subjetividades, a compreensão de si mesmos/as dos sujeitos como mais próximos ou distantes de modelos masculinos e femininos, se organiza a partir de redes de discursos e práticas que envolvem uma constituição mútua, referencial, ou seja, a construção de masculinidades é mediada e afetada pela construção das feminilidades (SCOTT, 1995). Nesse sentido é que podemos dialogar com a ideia proposta pelo internauta, de que o machismo também afeta os homens, já que seus processos de subjetivação envolvem também, em escalas diferentes, relações de sujeição a outros homens, sujeição a valores ligados à agressividade e à impulsividade que expõem homens a determinados riscos ligados ao autocuidado e à violência e a sujeição a valores que circunscrevem modelos hegemônicos, excluindo e subalternizando homens que deles não compartilham ou que expressam masculinidades dissidentes desses modelos (nesse caso, a homossexualidade pode ser lida como dupla dissidência: tanto de certa masculinidade dita hegemônica, quanto da heterossexualidade).

Em segundo lugar, a postagem (Figura 6) também reconhece que essa construção se dá a partir de uma matriz heteronormativa. Isso pode ser observado também quando o internauta diz que “*desde criança já era taxado como homossexual por não aderir ao que era tido do âmbito do homem hetero*”. Este é outro olhar sobre a heteronormatividade que constitui as histórias de vida de homens e justifica, para ele, a sua presença no movimento feminista, ao contrário da fala anterior, que diz justamente o contrário (que a heteronormatividade deveria justificar a presença de homens fora do movimento).

Por heteronormatividade podemos entender, segundo Richard Miskolci (2009), como um conjunto de disposições da e na sociedade que visam regular e controlar os sujeitos e seus corpos (e não apenas aqueles que se encontram legitimados e normatizados na sua lógica fundamental da continuidade sexo/gênero/sexualidade).

Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade (MIKOLSCI, 2009, p. 156).

O machismo e a misoginia fazem sentido em uma matriz heteronormativa, pois reforçam o conjunto de normas e regras, social e culturalmente construídas, da crença da heterossexualidade como padrão normal para a sexualidade humana. Há uma espécie de coerência esperada entre gênero e sexualidade, ou seja, o investimento performativo na construção dos gêneros envolve, no caso aqui apresentado, a afirmação de uma masculinidade em consonância com a heterossexualidade, sendo que linhas de fuga da heterossexualidade implicam na dissidência da masculinidade e vice-versa. Portanto, a heteronormatividade se constrói sob mecanismos de regulação e vigilância dessa coerência.

Por fim, podemos perceber esses múltiplos atravessamentos em outro comentário deixado por um internauta, no qual a presença de valores morais como *respeito, igualdade, não julgamentos das diferenças*, são acionadas no sentido de mostrarem um posicionamento preterido ao homem que participa do movimento feminista.

... Independente de poder usar ou não o rótulo de feminista, eu sempre deixei claro minha posição que é do lado das mulheres / trans / lésbicas, etc... Não saio gritando a plenos pulmões pq não me acho o salvador da Pátria pelo meu posicionamento... Sei que por causa de muitos homens que são machistas, misóginos e pelos abusos, estupros e a herança cultural do patriarcado teremos resistências para fazer parte desses coletivos que busca promover a igualdade de todos os gêneros para que possamos viver numa boa e sem julgar as diferenças... Seja feminista ou pró-feminismo, acima de tudo respeito tdas vcs e as tratarei sempre com igualdade, livre de julgamentos e deixo claro que aqui tem uma pessoa que está na luta com vcs...

Figura 7 – Postagem de comentário a partir da pesquisa divulgada

O movimento feminista também pode ser pensado enquanto disputa, através da reivindicação ao título de feminista, que passa por uma identificação e reconhecimento do sujeito como tal. Assim como Alice Canuto (2016), partimos da compreensão do movimento feminista “como um movimento não datado, não homogêneo, controverso, não linear, polifônico, longe de ser esgotado” (p. 30). Entendemos também, a partir de Stuart Hall (2004), que em uma perspectiva pós-moderna, as identidades culturais, nesse momento histórico, constituem posições de sujeito que são provisórias, fluidas, fragmentadas e que estão em constantes negociações. Os posicionamentos de mulheres e homens, como os apresentados nos comentários selecionados para este artigo, podem ser analisados como representativos dessa fragmentação e das negociações de sentidos associadas. O último comentário evoca uma argumentação comum ao movimento feminista (e outros): a importância de que os homens reconheçam sua posição social de privilégio frente à desqualificação das mulheres nos diferentes âmbitos analisados (relacionamentos, trabalho, espaço público, educação, etc.). Tal noção nos faz retomar a discussão sobre o poder e que como ele se exerce em relações sempre tensas e em plena atividade, a partir de disputas, avanços, recuos e negociações. Homens e mulheres, nesse sentido, ocupariam posições distintas em relações assimétricas de poder, exercendo poder num jogo de forças que confere aos primeiros a possibilidade de colocar em ação certas estratégias que envolvem, de forma mais intensificada, a submissão, o controle, a exclusão e dominação das mulheres e de sujeitos considerados dissidentes dos modelos hegemônicos.

NÃO CONCLUINDO...

O artigo apresentou possíveis análises, a partir da problematização de uma postagem e de comentários de uma página do *Facebook*, acerca de perspectivas feministas e de gênero sobre a participação de homens no movimento feminista. Não consideramos esse um debate encerrado, pelo contrário, toda a nossa argumentação foi tecida a partir da constatação do dissenso, o que, para nós, representa a produtividade do debate e a necessidade de que outras discussões aconteçam. Com esse argumento, estamos apostando nas redes sociais como espaços produtivos para pensar cultura, gênero e sexualidade, considerando o *Facebook* como um artefato cultural que possibilita interrogar e discutir a vida contemporânea. Mais do que isso, as redes sociais são artefatos de subjetivação, ensinando modos de ser, estar, agir e pensar no mundo. A partir da relação com a página do coletivo *Não Me Khalo* e com a postagem que elegemos como central para este artigo, são forjados modos de pensar as relações de gênero, as construções de feminilidades e masculinidades, portanto, modos de nos posicionarmos no mundo.

Neste contexto, as alterações nos sentidos e significados das práticas discursivas confluem para uma diversidade nos modos de pensar as identidades culturais e suas interferências nos artefatos culturais que são interpretadas pelos sujeitos na contemporaneidade. As identidades são tensionadas e as práticas culturais alteram as dinâmicas sociais e também são por elas alteradas (TAKARA, 2014).

A rede social oferece a sensação do comentário: abre-se lógicas de complemento, de troca, de relação discursiva: eu e outro estamos nos produzindo discursivamente, oferecendo modos de ver a identidade e diferença em relações, em processo, à deriva. Lugar outro, a rede social é um espaço de aprendizagem da diferença que nos constitui como identidade (TAKARA, 2014, p. 10).

As redes sociais, como espaço de aprendizagens, se tornam locais para onde deveríamos focar nossos esforços de análise do social, da cultura e dos discursos na contemporaneidade. Neste artigo, nossas análises não se produziram no intuito de validar saberes ou definir posicionamentos fixos sobre o debate incitado pela postagem no *Facebook*. Porém, percorrendo os comentários, foi possível problematizar perspectivas que organizam o pensamento feminista, a organização e modos de funcionamento dos movimentos feministas

contemporâneos e o lugar dos homens nesses movimentos. Encontramo-nos com categorias em disputa – como mulher, feminista, feminino e também homem, masculino, na perspectiva de tensionamentos e negociações. Nesse sentido retomamos Joan Scott (1995) quando afirma que o gênero é um elemento que constitui as relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, ou seja, não haveria qualquer essência constitutiva dessas categorias. A historiadora também afirma que “o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”, quer dizer, “as mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder” (SCOTT, 1995, p. 28). Assim, o debate que rastreamos neste artigo visibiliza tensões que se produzem nas resistências e possibilidades de transformações nas relações assimétricas de poder. Através de dinâmicas discursivas como essas que ocorrem nos comentários de *Facebook*, conseguimos vislumbrar sentidos e significados que são produtores de identidades, uma vez que se engendram nas concepções que os sujeitos estabelecem sobre si os outros, em um processo de constituição das identidades e das diferenças.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BOSCH, Núria Vergés. **Teorías feministas de la tecnología: evolución y principales debates**. (n/d). Disponível em: http://cdd.emakumeak.org/ficheros/0000/0755/Teor%C3%ADas_Feministas_de_la_Tecnolog%C3%ADa.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

CANUTO, Alice de Alencar Arraes. **(Re)visitando personagens, cenários e vozes: nas tramas sobre o “sujeito” do feminismo no Blogueiras Feministas**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-ACWF52/dissertac_a_o_alice_canuto.pdf?sequence=1>. Acesso: 13 nov. 2017.

CARVALHO, Sérgio Resende; GASTALDO, Denise. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 13, n. suppl. 2, p. 2029–2040, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13s2/v13s2a07.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

CHAMPANGNATTE, Dostoiowski Mariatt de Oliveira; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Cibercultura – perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 16, n. 41, p. 312-326, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/22532/21616>>. Acesso em: 29 mar. 2018.

COSTA, Ana Alice Alcantara. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, p. 1–20, 2005. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/380/285>>. Acesso: 13 nov. 2017.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 143-156.

208

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Ditos & Escritos V. 2 ed. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, maio/ago 2014. p. 433-447. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/se/v29n2/07.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

HIRATA, Helena; et al. (Orgs.). **Dicionário Crítico do Feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LOURO, Guacira L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 8 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n. 21, p. 150–182, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2017.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Metodologias feministas e estudos de gênero: articulando pesquisa, clínica e política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 647–654, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v11n3/v11n3a20.pdf>>. Acesso: 10 ago. 2017.

NEVES, Ana Sofia Antunes. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n.3, 609-627, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

OLIVEIRA, Bárbara Nascimento de; SILVA Franciele Jacqueline Gazola da. Feminismo nas mídias sociais: atualidades e potencialidades. Anais I Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 27 a 29 de abril de 2016. Universidade Federal de Sergipe – UFS. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/snsufs/article/viewFile/6079/5092>>. Acesso: 13 nov. 2017.

RAGO, Margareth. Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas. In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. (Orgs.). **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p. 101-117.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Revista Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 28, n. 68, p. 114-124, 2014/2. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06>>. Acesso em 05 nov. 2017.

SCAVONE, Lucila. O feminismo e Michel Foucault: afinidades eletivas? In: SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César; MISKOLCI, Richard. (Orgs.). **O legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, 2006. p. 81-99.

SCHLINDWEIN, Ana Flora. **Dos periódicos oitocentistas ao ciberfeminismo: a circulação das reivindicações feministas no Brasil.** Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270773/1/Sch lindwein_AnaFlora_M.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2017.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação & Realidade** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

_____. Experiência. In: SILVA, Alcione L.; LAGO, Mara C. S.; RAMOS, Tânia R. O. (Orgs.). **Falas de gênero: teorias, análises, leituras.** Florianópolis: Editora Mulheres, 1999. p. 21-55.

SOUZA, Vanessa Cristine Zaccharias de. **Chega de FiuFiu: o papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Bauru, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126668/000844976.pdf?sequence=1>>. Acesso: 13 nov. 2017.

TAKARA, Samilo. Pedagogias Culturais no Facebook: identidades, heterotopia e cibercultura. In: **Anais do 6º Seminário Brasileiro de Estudos Culturais e Educação e 3º Seminário Internacional de Estudos Culturais e Educação**, 2014, Canoas. Disponível em: <<http://www.sbece.com.br/2015/site/anaiscomplementares>>. Acesso em: 24 nov. 2017.